

Arnold Schölzel *Junge Welt*, 3 de Novembro de 2007

Entrevista com Kurt Gossweiler

«Eles conhecem a importância dos revolucionários melhor que nós»

Sobre as causas da derrota do socialismo e as razões da recusa das suas perspectivas. Os motivos que levaram Kurt Gossweiler a deixar o estudo do fascismo e a concentrar-se na investigação do revisionismo.

Nascido em 1917, Kurt Gossweiler é historiador e vive em Berlim. É autor de obras como *Grandes Bancos, Monopólios Industriais, Economia Estatal e Capitalismo Monopolista de Estado na Alemanha 1914-321* (1975), *A lenda de Strasser* (1994); *Novamente o Revisionismo* (1997), *A Crónica dos Pés de Lã ou a Khruchoviada* (2002).

Junge Welt (JW) – O senhor evidenciou-se principalmente como historiador do fascismo alemão. Contudo, nos últimos anos orientou o seu trabalho de investigação para o estudo das causas da derrota do socialismo. Porquê?

Kurt Gossweiler – Pela mesma razão que me tornei historiador. Na minha vida tive duas enormes desilusões. Depois de 1930, como jovem comunista, estava cheio de esperança de que a crise final do capitalismo chegaria à Alemanha, e que rapidamente a bandeira vermelha com a foice e o martelo iria ser hasteada em todo o país. Por isso, o 30 de Janeiro de 1933 representou para mim uma derrota horrorosa. Muitas perguntas me assaltaram: como tal foi possível? Quais as causas desta catástrofe? Como é que a poderemos ultrapassar? Só pude iniciar o estudo científico deste problema após me ter entregado voluntariamente como soldado às tropas soviéticas, em 14 de Março de 1943. De Outubro de 1943 até Abril de 1944 frequentei a Escola-Antifascista em Taliza, onde me tornei professor entre o Verão de 44 até ao Verão de 47. A procura das causas da nossa derrota determinou a escolha da minha profissão e tornei-me investigador do fascismo. Às preocupações iniciais juntou-se entretanto uma outra: o que temos de fazer para evitar um novo fascismo?

Teria continuado investigar o fascismo se nós – o mundo do socialismo – não tivéssemos sofrido uma derrota ainda mais pesada. Sem exagero, foi uma catástrofe que ameaça a vida da Humanidade. Chegou muito mais inesperadamente do que a de 1933 porque, até ao fim, se considerava impossível que acontecesse. Mais ainda do que a primeira, ela exige a investigação das suas causas. A vitória da contra-revolução impôs-me a transição quase obrigatória para a investigação do revisionismo. Porém, devo dizer que desde 1956 me interessei «acessorialmente» pelo advento do revisionismo nos países socialistas (a minha tarefa principal nessa época era a dissertação sobre o caso Röhm). Determinados desenvolvimentos na URSS preocupavam-me e levaram-me a redigir um diário político, cujos apontamentos até 1975 foram entretanto publicados sob o título, *A Crónica dos Pés de Lã ou a Khruchoviada*.

JW – Na sua opinião quais foram as causas da derrota do socialismo? O que entende por revisionismo?

KG – A resposta mais curta seria: o socialismo na União Soviética e na Europa foi aniquilado pela conjunção da contra-revolução interior e exterior. Mas esta é uma resposta demasiado generalista, já que estes dois factores actuam conjuntamente desde 1917 e, no entanto, a URSS tornou-se numa potência mundial invencível. Teve de se desenvolver na URSS e nos estados socialistas, eis a minha conclusão, uma força que impediu o seu reforço ulterior e provocou um enfraquecimento contínuo. Na minha opinião esta força existiu, foi identificada atempadamente e chamada pelo nome: revisionismo. Pela sua natureza era a mesma força que já tinha corrompido a social-democracia revolucionária, e contra a qual Marx e Engels, na sua famosa circular de 1879, já tinham escrito que não podiam, de forma alguma, associar-se a pessoas que queriam banir a luta de classes do movimento. Em 1957, a Conferência Mundial de Partidos Comunistas e de Trabalhadores em Moscovo declarou o revisionismo moderno como o maior perigo para o movimento comunista. Em 1960, a Conferência Mundial reafirmou-o e condenou em particular as posições do partido jugoslavo.

O núcleo do revisionismo é a substituição da luta de classes pela ideologia e praxis da coexistência de classes. Na minha perspectiva, o revisionismo caracterizou a política da direcção do PCUS sob Khruchov, de modo enfraquecido durante Brejnev e maciçamente sob Gorbatchov e a sua *perestroika*, a partir de 1985. Depois da morte de Stáline, o novo curso mais moderado da direcção soviética foi de imediato observado e seguido atentamente pelo Ocidente, que reagiu fazendo evoluir o seu próprio curso de confrontação para uma política mais cuidadosa de desanuviamento. Churchill já o tinha anunciado em Maio de 1953 na Câmara dos Comuns. Tratava-se do conceito de «mudança através da aproximação». Em 1956, o ministro dos Negócios Estrangeiros dos EUA, John Forster Dulles, declarou que a direcção soviética, com a sua campanha anti-Stáline, tinha desencadeado uma reacção em cadeia que, a longo prazo, seria impossível de parar. Com Gorbatchov ficou também demonstrado que não era seu desejo pará-la.

JW – Como se pôde impor essa política?

KG – É necessário ter em conta diferentes aspectos. A vitória sobre o fascismo foi uma confirmação da justeza da política marxista-leninista, mas simultaneamente a coligação anti-Hitler enfraqueceu a consciência em inúmeros comunistas da existência de uma contradição insolúvel entre socialismo e imperialismo. A partir da experiência das frentes populares contra o fascismo, alguns partidos comunistas, nos EUA e na Jugoslávia por exemplo, concluíram que o Partido devia integrar-se na frente popular ou mesmo dissolver-se completamente. Depois dos sacrifícios e privações da II Guerra Mundial, um demagogo como Khruchov encontrou eco também na URSS para dar prioridade na economia à indústria dos bens de consumo. Mas isto comprometeu a capacidade para dar resposta à revolução técnico-científica e alcançar novas metas de produtividade. Para além disso, depois do final da guerra, centenas de milhares de soviéticos conheceram as condições de vida nos países capitalistas e aperceberam-se do grande desnível da URSS em termos de conforto, qualidade da habitação, acesso a electrodomésticos, mesmo em relação a uma Alemanha em escombros. Até aí tinham comparado as suas condições de vida com as de 1917, agora, vencedores da guerra, constatavam que viviam pior do que aqueles que tinham destruído o seu país. Assim, a ideia de que uma aproximação ao capitalismo contribuiria para aumentar o nível de vida encontrou terreno fértil. Finalmente, um significado especial teve o facto de o mundo ter entrado na era atómica. Esta circunstância, na minha opinião, foi utilizada por revisionistas como Tito, Khruchov e Gorbatchov para convencer movimentos de libertação nacional a pôr termo à luta armada ou pelo menos a enfraquecê-la, com o argumento hipócrita de que por trás de cada conflito local espreitava o perigo do

alastramento de uma guerra atômica. A ameaça de uma guerra nuclear serviu para retirar à luta mundial pela paz a sua orientação anti-imperialista. Neste sentido, por exemplo, os EUA começaram a ser apresentados como parceiro compreensivo e já não como a principal fonte da ameaça de guerra. Para além disso, aqueles que dominavam as áreas da cultura e da ideologia nos países socialistas revelavam uma predisposição especial para o modo de vida ocidental. Jornalistas, criadores de cultura e diplomatas foram partidários da «conversão de valores» de Khruchov. Isto refere-se essencialmente às gerações nascidas depois da Revolução de Outubro.

Existiram assim condições que permitiram que o desvio dos princípios leninistas não fosse reconhecido como tal, mas pudesse aparecer como evolução do marxismo-leninismo. Além disso, as forças leninistas intervieram de forma abstracta e anónima em vez de conduzirem um debate concreto e público, isto é válido para Molotov e Kaganovitch na URSS ou para Walter Ulbrich na RDA. Khruchov, por exemplo, foi deposto em 1957 numa reunião do *Presidium* do Comité Central do PCUS, mas os seus amigos trataram de convocar imediatamente um plenário do Comité Central, onde detinham a maioria. Este plenário de Julho de 1957 repôs Khruchov e retirou Molotov e Kaganovitch dos seus postos. O mesmo é válido para as declarações dos partidos comunistas e de trabalhadores que já referi. A condenação do revisionismo foi mantida num plano abstracto, sem que os seus representantes fossem denunciados. Para fora manteve-se a imagem da unidade selada nos encontros com beijos de irmãos. Apenas posso fazer suposições sobre as razões que levaram leninistas experientes a comportarem-se deste modo. Provavelmente, nelas se inclui o receio de uma guerra civil ou da intervenção militar do Ocidente. O caso de Béria mostrou, logo em 1953, que Khruchov tinha a seu lado parte das Forças Armadas. Os riscos eram enormes. O revisionismo tem uma força emprestada que reflecte a força do imperialismo. O revisionismo é um amolecimento. Até um representante da *Pizza-Hut* como Gorbatchov ou um alcoólico como Ieltsin tiveram força suficiente para arrumar com um Partido como o PCUS. De acordo com Lénine, o estado socialista é forte quando as massas sabem tudo, podem ajuizar sobre tudo e fazem tudo conscientemente. O facto de não se ter agido sempre neste sentido de forma consequente é, na minha opinião, uma das causas decisivas para a derrota do socialismo. Agir no futuro e em todas as condições sempre de acordo com Lénine é uma das lições mais importantes da nossa derrota.

JW – Isso significa que personalidades dirigentes dos partidos comunistas contribuíram para o seu próprio desaparecimento. Qual foi em concreto o seu papel nesta derrota?

KG – Perante o papel vergonhoso que Gorbatchov desempenhou, e antes dele de Khruchov, é compreensível que a queda dos Estados Socialistas seja vista como obra deles. Esta constatação tem razão de ser, mas não explica como é que a sua traição pôde conduzir àquele resultado. A este propósito, podemos recordar o que Engels escreveu há mais 150 anos em *Revolução e Contra-Revolução na Alemanha*: «Quando se inquire das causas dos sucessos contra-revolucionários, é-se confrontado de todos os lados com a resposta de que foi o senhor Este ou o cidadão Aquele que “traiu” o traiu o povo. Resposta essa que pode ser muito verdadeira ou não, consoante as circunstâncias, mas que em circunstância alguma explica o que quer que seja – nem mesmo mostra como é que veio a acontecer que o “povo” consentisse, desse modo, em ser traído.» As causas, escreveu Engels, «não são de procurar nos esforços, talentos, faltas, erros ou traições acidentais de alguns dos dirigentes, mas no estado social geral e nas condições de existência de cada uma das nações convulsionadas.»¹

¹ Citação conforme *Marx Engels, Obras Escolhidas em Três Tomos*, Edições «Avante!», Lisboa, 1982, pág. 311 (nota do editor).

Enquanto marxistas-leninistas sabemos que não são os homens que fazem a história mas que esta é a história da luta de classes. As personalidades só podem ter importância histórica enquanto representantes de classes ou estratos da sociedade, não enquanto indivíduos. Por isso, a queda do socialismo na URSS e na Europa de Leste não pode ser imputada a um Stáline, um Khruchov ou a um Gorbatchov enquanto pessoas individuais. Para determinarmos o papel que cada um deles desempenhou temos de descobrir que interesses de classe ou estrato representavam, que correntes sociais personificavam. Mas também é preciso observar outra coisa. Quando Stáline morreu, no dia 5 de Março de 1953, trabalhava eu então no aparelho do Partido, ouvi mais que uma vez durante as cerimónias fúnebres a pergunta desesperada: o que vai acontecer agora? Como é que se continua? Interroguei-me, e disse-o nessa altura: como pode um marxista colocar tal questão? Outros tomarão o seu lugar. Constatei porém rapidamente que não tinha razão.

Para mim ainda não era muito claro que no socialismo o papel da personalidade tem muito mais importância que no capitalismo. Nenhum político pode transformar o capitalismo passo a passo em socialismo. No socialismo, porém, é possível minar a ordem social através de uma política de traição de classe, como a que foi iniciada por Khruchov e terminada por Gorbatchov. A explicação é que o capitalismo é um sistema que se auto-regula, o socialismo é na teoria e na prática uma ciência, e os seus políticos têm de ter uma abordagem científica da sua construção. Dito de outra forma, o capitalismo começa e desenvolve-se espontaneamente, enquanto o socialismo começa de forma consciente e organizada. Das suas personalidades dirigentes depende muito mais do que no capitalismo, e isso significa também que políticos imperialistas têm mais possibilidades de influenciar o socialismo do que o contrário. O sistema socialista pode ser paralisado e destruído através de agentes e corrupção, o capitalismo só pode ser eliminado através da luta de massas. A burguesia conhece a importância da personalidade revolucionária manifestamente melhor que nós. Os planos de assassinato de dirigentes especialmente populares e incorruptíveis dos partidos comunistas e dos movimentos anti-imperialistas fazem parte da rotina dos serviços secretos e são um elemento chave na desagregação a partir do interior dos movimentos revolucionários e anti-imperialistas. A morte de revolucionários populares suscita sempre grandes «esperanças» do capitalismo, que conta assim poder influenciar a escolha do sucessor. Não é por acaso que os dirigentes comunistas eram e continuam a ser divididos em «pombas» e «falcões», em anti-stalinistas ou reformistas e estalinistas ou «cabeças de betão».

JW – Como explica que muitos comunistas experientes não partilhem da sua perspectiva sobre o papel do revisionismo nos estados socialistas?

KG – Isso deve-se a muitas razões e de ordem muito diferente consoante as pessoas. A razão principal, segundo a minha experiência, reside na imagem difundida de Stáline como assassino de massas por pura ambição de poder e crueldade. Não existe nenhum meio mais eficiente para provocar repulsa, desprezo, ódio contra uma pessoa que lançar-lhe esta acusação e torná-la credível. Enquanto foi apenas o inimigo de classe a fazê-lo, esta imagem de Stáline nunca teve influência junto dos comunistas, que não viam nele mais do que demonstravam os resultados da sua acção. Era o sucessor de Lénine que concretizou as suas orientações e ensinamentos, tornando a URSS numa grande potência, que ajudou solidariamente todos os povos e nações oprimidos e desempenhou um papel decisivo na libertação do fascismo. Teve de vir o seu sucessor, Khruchov, para declarar como verdade as acusações que os inimigos mortais do socialismo tinham lançado sobre Stáline, validando em particular a imagem assustadora de um Stáline bebedor de sangue que por loucura de poder enviou para a morte milhões de inocentes. Para tanto recuaram ao período das depurações, que foram decididas pela direcção do Partido num momento em que o país estava confrontado com a ameaça iminente da invasão do fascismo, durante as quais inúmeras pessoas inocentes também foram enviadas para campos ou condenadas à morte

injustamente. Khruchov e os seus apelaram conscientemente aos mais nobres sentimentos humanos, à repulsa da injustiça, da crueldade e abuso de poder. Só posso esperar que os comunistas que se entregaram ao anti-stalinismo constatem que, quanto maior tem sido a agitação dos EUA e da UE contra os dirigentes dos povos latino-americanos, Chavez ou Morales, mais confiança eles têm merecido dos seus povos.

A maior parte dos comunistas que recusa a minha perspectiva, fá-lo porque interiorizou a imagem de Stáline dada por Khruchov e Gorbatchov. Pensam, assim, que quem encontra algo de positivo num assassino de massas como Stáline não pode ser normal nem ter razão, e que portanto ninguém deve perder tempo com ele. Alguns camaradas recusam-se até a admitir que podem chegar à cúpula de partidos comunistas pessoas que simplesmente são inimigos do socialismo ou que em tal se transformam.

E finalmente mais uma explicação para a recusa da minha perspectiva: a ela chega-se só através de um enorme e rigoroso conhecimento dos factos. Contudo, os meus trabalhos continuam inacessíveis para muitos. Mesmo no *Junge Welt*, ao contrário da grande disponibilidade para publicar pontos de vista de trotskistas, até agora apenas se interessaram pelo Gossweiler investigador do fascismo, e não pelo investigador do revisionismo que é considerado stalinista. Talvez isso venha a modificar-se, creio que já não é sem tempo. Mas quero chamar a atenção que os meus trabalhos podem ser lidos na Internet.